

Entre a vivência religiosa cultural e académica. A presença de têxteis chineses nas festas do colégio de São Paulo de Goa em meados do século XVI

Maria João Pacheco FERREIRA

Resumo

No decurso das investigações que temos dedicado ao estudo dos têxteis no contexto religioso católico, designadamente daqueles produzidos na China para o mercado português entre os séculos XVI e XVIII, merece-nos particular atenção, de entre a documentação consultada, um pequeno grupo de cartas da autoria do padre jesuíta Luís Fróis com notícias relativas às missões nas partes da Índia. Nos seus conteúdos reconhecemos aquelas que consideramos ser, até ao momento, as informações mais antigas acerca do uso de têxteis chineses em contextos festivos inicianos, em concreto, no colégio de São Paulo de Goa, nos anos de 1559 e 1560.

Partindo da análise das missivas enviadas por este religioso da Companhia de Jesus para os seus pares em Lisboa, o presente texto visa analisar as armações têxteis e os espécimes chineses que marcaram presença nalgumas festividades daquele colégio, como aquelas celebradas a 21 de Outubro em honra da Virgem. Intenta-se uma sistematização dos informes relatados, no que concerne às tipologias têxteis genericamente empregues e aos espaços em que as mesmas se expõem, bem como à iconografia e procedimentos empregues na realização dos artigos originários do Celeste Império ou às motivações subjacentes à sua integração nas alfaias do colégio de São Paulo de Goa.

Abstract

During our research about the use of textiles in catholic ceremonies, namely those produced in China for the Portuguese market between 16th and 18th centuries, we found an import group of letters written by the jesuit priest Luis Fróis reporting the missions that were been taken in India. In its contents we recognise what it may be considered as the first information, so far identified, about the use of Chinese textiles in jesuit celebratory events, more precisely at Saint Paul's College, in Goa, during the years 1559 and 1560.

From the analysis of the correspondence sent by this religious of the Company

¹ O presente texto assume-se como a versão portuguesa de parte de uma comunicação a apresentada na XXX^a Assembleia Geral do Centre International d'Etude des Textiles Anciens, intitulada *Chinese Trade Textiles for the Portuguese Market: Their presence in religious contexts in the 16th and 17th centuries*, em Bruxelas, em 2009.

of Jesus to his brothers in Lisbon, the present text aims to characterize the textile furnishings, specially those of Chinese origin that were taken as adornment in some of the College's religious events, such as the Virgin's feast in 21st of October. It is our intention to present and discuss the type of textiles, the procedure methods and iconographic options described by the author as well to expound the reasons for their integration in the Sain Paul's college ornaments.

Introdução

As informações mais antigas que dispomos até ao presente momento da nossa investigação acerca do uso de têxteis chineses em contextos festivos inicianos², entre os séculos XVI e XVIII, são-nos facultadas pelo religioso Luís Fróis (1532-1597), religioso da Companhia de Jesus, quando da sua estada em Goa, no colégio de São Paulo Velho ou dos Arcos, em vésperas de ser ordenado sacerdote (1561) e partir definitivamente para o Japão.³

De entre a correspondência que o padre jesuíta então remeteu para Lisboa dando conta dos acontecimentos naquelas partes, pudémos identificar, num dos códices consultados da extensa colecção *Jesuítas na Ásia* da Biblioteca da Ajuda em Lisboa, um conjunto de cartas datado de meados do século XVI (entre 1557 e 1561), nas quais aquele religioso faculta informações preciosas sobre as armações têxteis e a presença de adereços chineses nalgumas das celebrações que tiveram lugar naquele instituto. Foi o caso das festas em louvor da Virgem distinguidas no dia 21 de Outubro, dedicado a Santa Úrsula e às onze mil Virgens as quais, contanto que com propósitos distintos, pelo menos, nos anos de 1559 e 1560 foram exaltadas em conjunto com os actos de conclusões, que todos os anos assinalavam o início dos estudos naquele colégio, uma opção que o autor assim justifica: *“Não deixarey todavia de lhe dizer em particular cõ quanto aparato e festa e autoridade forão çelebradas as conclusois gerais que se quaa tem no principio do anno das escolas pelo dia das onze Mil Virgens, aos .21. doutubro, ordenouse terem os estudos seu principio neste dia pela grandissima devação que toda esta terra tê a esta santa Reliquia que temos neste Collegio que he huma das cabeça destas gloriosas virgens exemplo grande e polo grande concurso de gente que no mesmo dia concorre a esta casa ver a reliquia, cõ que ainda ficão os autos publicos das escolas mais çelebrados.”*⁴

O presente texto visa pois analisar as armações têxteis e os espécimes chineses que marcaram presença nestes dois contextos festivos que, embora distintos na sua natureza, se complementam e enquadram na vivência religiosa dos padres da Companhia de Jesus, reflectindo a sua vocação pregadora e educativa, a que tão empenhadamente se dedicaram no âmbito da campanha de evangelização, promovida pelo Padroado Português do Oriente. Partindo das missivas acima indicadas, intenta-se uma sistematização dos

² A qual se integra num estudo mais vasto, em curso, sobre os têxteis chineses nas opções decorativas sacras nacionais de aparato (séculos XVI a XVIII), no âmbito da tese de doutoramento em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na qualidade de bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

³ Para uma breve biografia de Luís Fróis Cf. Introdução da autoria de José Wicki S.J. à obra do Pe. Luís Fróis, *História de Japão*, 5 vols., Lisboa Biblioteca Nacional, 1976-1984.

⁴ BIBLIOTECA DA AJUDA, *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 49, *Cópia de huma carta que escreveu o Irmão Luis Fróis do Collegio de Goa ao Primeiro de Dezembro de 1560 aos irmãos da Companhia de Portugal*, fl. 209. Documento publ. por António da Silva REGO, documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente, vol VIII, 2. ed, Lisboa, Fundação Oriente – Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1994, p./ 139-162.

informes relatados, no que concerne às tipologias têxteis genericamente empregues e aos espaços em que as mesmas se expõem, bem como à iconografia e procedimentos empregues na realização dos artigos originários do Celeste Império ou às motivações subjacentes à sua integração nas alfaias do colégio de São Paulo de Goa.

As armações têxteis e os espécimes chineses nas festas do colégio de Goa

No decurso das investigações que temos dedicado ao estudo dos têxteis no contexto religioso católico, designadamente daqueles produzidos na China para o mercado português entre os séculos XVI e XVIII, foi diversa a documentação a que recorreremos, com o objectivo de reunir um conjunto de informações suficientemente consistentes, capazes de fomentar a compreensão do universo em causa nos seus múltiplos aspectos. De entre o acervo consultado mereceu-nos particular atenção um pequeno grupo de cartas da autoria de Luís Fróis⁵, padre da Companhia de Jesus no Oriente, para os seus confrades em Portugal com notícias relativas às missões nas partes da Índia.

Trata-se de um *corpus* relativo ao colégio de São Paulo de Goa⁶, cuja análise dos respectivos conteúdos nos revela a adopção de formulários, do ponto de vista ritual e decorativo, congéneres àqueles observados nas festas da metrópole, sendo que da mesma forma nos permite descortinar questões de foro logístico no que à preparação destes eventos respeita. Aspectos como o envolvimento de membros da comunidade religiosa e civil local na concepção, montagem e acessibilização de adereços com vista ao embelezamento do espaço festivo, ou as inerentes disputas a que se assiste no seio das comunidades religiosas e civis, pelos mais rasgados elogios, em relação à sua participação e desempenho, são assinalados pelo autor, como se reconhece em carta de 16 de Novembro de 1559⁷: “*O concerto das nossas endoenças quasi sempre pela comũ voz de todos os que o vem, he auentajado ao que se faz em todas as outras Igrejas desta terra, e creio segundo os padres e jrmãos dizião que se preferio este ano a todos os outros pelo artificio do sepulchro ser bem inuentado, e ornado de riquissimas peças de borcado, e de*

⁵ Embora as cartas a que recorreremos tenham sido publicadas por António da Silva Rego foi nossa preocupação proceder à sua leitura integral e efectuar as nossas próprias transcrições (que apresentamos sempre que citamos os documentos), as quais, por vezes, diferem daquelas anteriormente publicadas.

⁶ Colégio erigido na Rua da Carreira dos Cavalos sobre as fundações de um templo hindú, entretanto destruído, cujo culto foi solenemente iniciado em 1541, dois anos após o princípio da sua construção. Formalmente entregue aos jesuítas em 1548, o mesmo foi mais tarde substituído pelo Colégio de São Paulo Novo ou de São Roque destinado a residência dos padres da Companhia. Pedro DIAS, “A Construção da Casa Professa da Companhia de Jesus em Goa”, in <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3184.pdf>, p. 287. (visionado a 11.9.2009). Sobre a história deste Colégio leia-se também a obra do Pe. Sebastião Gonçalves, Primeira Parte da História dos Religiosos da Companhia de Jesus, vol. I (publ. por Joseph WICKI S. J.), Coimbra, Atlântida, 1957 (1614), pp 127-132.

⁷ Os mesmos aspectos sobressaem em documentação coeva relativa a outros locais afectos à missão jesuíta, como se regista no relato do Pe. Geronimo Vaz, a respeito da celebração da Quaresma no colégio da Madre de Deus de Cochim: “*estava toda a nossa igreja desde Altar maior, ate a porta principal, toda cuberta de doo, e todo o Cruzeiro (...) a capela mor adonde estaua armado o moimento, o qual segundo o parecer de algus que correrão as igrejas, derão auentajẽ ao nosso, e assim me pareceo que era verdade e no qual trabalhou e se esmerou bem o jrmão Gaspar Soeiro, e o jrmão ção christão Migel Ferreira que nam sei como tinhã forças, mas porẽ ate agora sitem o trabalho, e com Rezão porque do domingo de ramos, ate o primeiro dia de paschoas, de dia e de noite, não sesauão de trabalhar, armando e desarmando (...)*”; B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 56, *Cópia de hua carta que escreveo o Padre Geronimo Vaz do Collegio da madre de Deos de Cochim em que trata do Cativoiro do padre João de Mizquita e do jrmão Francisco Durão no Cabo de Comorim*, fl. 245v. Documento publ. por António da Silva REGO, op. cit., pp. 488-491.

*toda a sorte, fizeram os irmãos destas mesmas peças bñã abobada falsa sobre arcos de sotas muyto frescos e onde os mesmos arcos da abobada bião fazer as chaves encayxauão em bñãs maçãs de prata muy lustrosas e lauradas que lhe dauão muyta graça, o sepulchro defora em que o santo sacramento esteue atee ó domingo da resurreição estaua todo cuberto de veludo preto por cima, e pelas ilbargas e degraos erão tudo borbados cõ muytos castiças de prata, e cera que ardeo todos estes dias (...). Os vizinhos pela deuacão que tem à casa estão postos em quẽ milhor o farã. Quando veo a noite ou madrugada da paschoa ardião estas Ruas cõ candeas com grandes arcos e inuencões delas e outros artifiçios de fogo, armados panos riquissimos pelas portas e jenelas, e arcos de bñã parte a outra da Rua por onde o santissimo sacramento auia de passar, e ajnda creio que se excedeo a esta proçissão a que se fez dia de Corpus Christi que cã fazemos em o dia proprio que o a igreja celebra que he ja no inuerno, porque a çidade antiçipasse algũs dias pera lhe não chouer. Ver o aparato desta proçissão, a Riqueza della, à solenidade com que o Padre Patriarcha leuaua o Santissimo sacrameto, o conçerto das Ruas, as inuẽçoes de momos, e danças que se vẽ a proçissão o numero da gente, os instrumentos de Musica pelas jenelas e casas a artelharia que se despara, sem duuida que he muyto pera louuar a Deos porque concorrẽ aver isto mouros, gentios, judeus e Bramanes que ha nesta çidade (...)*⁸.

O investimento dos religiosos em aspectos que aparentemente em muito ultrapassavam as exigências básicas do culto divino, justificava-se à luz de uma necessidade absoluta de cativar as populações locais para o seio da vivência cristã. Embora esta fosse já uma prática aprimorada na Europa, a mesma viria a beneficiar ainda de uma maior preocupação no contexto missionário ultramarino, nomeadamente indiano, como bem o reconhece um outro padre da Companhia, em carta que no mesmo ano envia de Cochim para Portugal: *“trabalhamos quaa na jndia, de termos as igrejas muy conçertadas mais que em portugual porque pareça que releua mais, a honra de Deos Nosso senhor qua entre tantos mouros judeus, e gentios, o culto divino, externo ser mais solenizado que entre christãos porque os christãos comsecreados, e cõ o espiritu, e fee, e charidade, sabem que se seruem mais que as cerimonias corporais, mas os enfieis, e tãobem os Novos christãos soo pelo culto corporal entendem Nossos desejos e Nossas fees por esta causae tãobem por renovarmos nossos espiritu, e de nossos proximos fazemos muytas vezes festas, mas que tal maneira que tudo se resolve à mais devação, e mais conbiçimento dos misterios da santissima fee*⁹. No decurso de um trabalho contínuo de abordagem e conquista, o muito concurso dos pagãos mencionados podia, afinal, significar potenciais convertidos ao catolicismo.

Não menos importante nestes acontecimentos religiosos que cadenciavam a vida religiosa da cidade era a comparência de figuras de topo da hierarquia social e do aparelho de estado local, a qual muito concorria, em termos simbólicos, para a validação da actividade proselitista inaciana no antigo Estado da Índia¹⁰. Neste contexto, e mais

⁸ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 29, *Treslado de bua carta que escreueo o irmão Luis frois do collegio de sam Paulo de Goa aos 16. de Nouembro de 1559*, fls. 116-116v. Documento publ. por António da Silva REGO, *op. cit.*, vol. VII, (...), pp. 297-326 e por Joseph WICKI S. J., *documenta Indica*, vol. IV, Roma, Monumenta Histórica Jesu, 1956, pp. 269-300.

⁹ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 66, *Copia de huma carta quẽ escreueo o Padre Mestre Melchior de Cochim para os jrmãs de portugual a 25 de janeiro de 1559*, fl. 264v. Documento publ. por António da Silva REGO, *op. cit.*, vol. VII, pp. 243-261.

¹⁰ Não por acaso, num dos seus extensos relatos, Luís Fróis salienta, em jeito de reportagem, a presença de várias destas figuras na festa em honra da Virgem, celebrada no dia das onze mil virgens de 1559 naquele colégio: *“as vesporas e dia forão bem acompanhadas do Viso Rey com muitos fidalgos, e dos bispos de Cochim*

uma vez de acordo com o Pe. Fróis, os têxteis desempenham funções que merecem ser notadas. Com efeito, numa outra missiva (de 1557), o religioso faculta um pormenor a respeito da solenidade de baptismo que os padres inacianos assiduamente assinalam em massa¹¹, em concreto, sobre os têxteis a expor na fachada da residência do patrono do evento; ao que tudo aponta, a sua presença assumia relevante importância não só como componente indispensável do tradicional embelezamento cénico concebido em torno do espaço que envolvia a passagem do préstito - e que por si próprio devia atrair e distrair a assistência -, mas ainda como forma de enobrecer e assinalar o local onde o vice-rei se deveria deslocar: *“e como esta proçisão aja de sair de casa de algũ vezinho, do cabo ou do meyo da Rua, tem lhe ja o padre pero dalmeyda dado recado pera se elle também preparar, lançãdo suas alcatifas ricas a janela, com algumas bandeiras e ornãdo a frontaria da sua porta com Ramos frescos e junco serve isto também de sinal porq chegãdo ali o visoRey, descavalga naquella casa e fica com todos os fidalgos esperando pela proçisão, a tempo que esta ja tudo preparado (...)”*¹².

A cooperação destas personalidades estendia-se ainda a outras questões de foro prático, por exemplo, disponibilizando adereços, como sucedeu no dia 21 de Outubro de 1559 - dia de santa Úrsula e das onze mil virgens¹³ -, por ocasião das festas organizadas em louvor da Virgem, para as quais *“a igreja se concertou Riquamente, armando a Capela*

e malaqua, pregou o padre dom Gonçal grandes cousas das Virgens, jantarão caa no mesmo dia o Viso Rey e bispos e o Adayão (sic) da see de Goa com alguns religiosos pera que ficasse pera as conclusões da tarde, (...) chegadas as horas asentou se o viso Rey junto das grades da varanda de çima, e o padre patriarcha e bispos junto com elle. E outros muytos fidalgos encostados pelas varandas, veose o padre Provincial pera baxo com os padres professos e irmãos do curso a gasalbar os Religiosos, desembargadores e as mais pessoas que avião de argumentar, ficando também embaxo o capitão da cidade e outros fidalgos que depois vierão, e a mais gente popular que ficava por detras.”; B.A., Jesuítas na Ásia, 49-IV-50, doc. 29, fl. 119.

¹¹ Para a concretização destes baptismos colectivos, era necessário obter os vestidos que todos deveriam envergar na ocasião, uma tarefa que cumpria ao superior do colégio angariar, como nos informa Luís Fróis: *“Depois de auer numero sufficiente pera a solenidade do baptismo e que elles estão instruydos em algua noticia da fee, por comisão do padre provincial que pera isso o padre Pero dalmeida tem, mandalbe fazer os vestidos pera todos conforme à suas calidades (...)”*. Contudo, por vezes, estas celebrações contemplavam tantos gentios, que os religiosos se viam a braços com questões de foro logístico, forçando o seu adiamento, como sucedeu em 1560: *“deixarão de se bautizar mais de duzentos, por não aver vestidos feitos, por que em esta somana que diguo, especialmente da quarta feira ate o sabado o fizerão e negociarão os irmãos vestidos para toda esta gente que se bautizou (...)”*. Cf. B.A., Jesuítas na Ásia, 49-IV-50, doc. 30, *Copia de outra do Irmão Luis Frois do Collegio de Goa a 14. de Novembro de 1559*, fl. 122 e doc. 50 *Aos Charissimos em Christo padres estimados dos collegios de Lixboa, Coimbra e Evora e a todos os mais da Companhia de Jesus que em as partes de europa. 13 de novembro de 1560 da conversão dos cristãos desta ygreja de Goa do Padre Luis Frois*, fl. 223. Documentos publ. por António da Silva REGO, *op. cit.*, vols. VII e VIII, (...) pp. 327-364 e 52-112 respectivamente.

¹² B.A., Jesuítas na Ásia, 49-IV-50, doc. 27, *Carta do irmão Luis Froes para as casas e collegios da Companhia de Europa escrita e Goa a o derradeiro de Novembro de 1557*, fl. 122. Presumimos que se tratasse de D. Francisco Barreto, então governador da Índia (entre 1555 e 1558). A mesma carta encontra-se também publicada na vasta obra, Documenta indica, vol. III, pp. 698-730.

¹³ A lenda da Santa assume a sua forma definitiva com a Lenda Dourada de Voragine: filha de um rei cristão da Bretanha, Úrsula é prometida em casamento a um príncipe pagão. Determinada a permanecer virgem, a princesa pede três anos para ponderar o assunto e nesse período empreende uma viagem de peregrinação a Roma, acompanhada por dez donzelas distintas, cada uma delas com um séquito de mil virgens. Na viagem de regresso, todas foram martirizadas em Colónia pelo rei dos Hunos. Portugal acolheu, em 1517, os sagrados despojos de uma dessas virgens, Santa Auta, com capela instituída no mosteiro da Madre de Deus de Lisboa. Gaston DUCHET-SUCHAUX e Michel PASTOREAU, *La Bible et les Saints. Guide Iconographique*, Paris, Flammarion, 1994, p. 329; José Alberto Seabra CARVALHO, José Luís PORFÍRIO, Maria João Vilhena de CARVALHO, *A Espada e o Deserto*, catálogo de exposição, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2002, pp. 26-27.

*mor com a tapeçaria do viso Rey (...)*¹⁴, presumimos que D. Constantino de Bragança (1528-1575), vice-rei da Índia entre 1558 e 1561¹⁵.

Contanto que o conjunto de correspondência que serve de base à presente análise não seja significativo no número de cartas consultado o mesmo é, todavia, suficientemente pormenorizado ao ponto de facultar o reconhecimento dos espaços em que os têxteis surgem expostos, das tipologias usadas ou da iconografia que anima as peças mencionadas, muito em particular daquelas de proveniência chinesa, como adiante se exporá. Com efeito, no âmbito da estrutura arquitectónica edificada do colégio, verifica-se que além da casa da portaria, *armada de panos de frandes frescos, e graciosos*, não só o interior do templo, mas ainda o pátio ou crasta¹⁶, integrado na área da escola, é enriquecido por elementos têxteis em dias académicos extraordinários; é o caso daqueles que assinalam o arranque dos cursos no dia de São Lucas evangelista, no dia 18 de Outubro (em acumulação com a já mencionada festa em honra da Virgem, realizada três dias mais tarde), marcados pelas conclusões gerais e pela exposição de epigramas e enigmas, componentes muito apreciadas e exploradas no método pedagógico jesuíta¹⁷.

No que se refere à igreja, depreendemos que nestes dias festivos, a mesma era sempre concertada de forma generosa e “*custosamente de ornamentos e frontais de borcado, em grande numero, e de castiçais e alampadas de prata com seus giois, bandeiras e pendois dantretalhos dourados*”¹⁸. Descreve ainda, de um modo mais pormenorizado, a já mencionada armação da capela-mor, composta por um conjunto de tapeçarias, pertencentes ao vice-rei da Índia, superiormente articuladas com panos da China dourados, e o revestimento parietal da nave com “*godomeçis e panos de frandes, e*

¹⁴ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 29, fl. 119.

¹⁵ Sétimo vice-rei da Índia, filho do 4.º duque de Bragança, D. Jaime I, e de sua mulher, a duquesa D. Leonor de Mendonça, filha de D. João de Gusmão, 3.º duque de Medina Sidónia, e de D. Isabel de Velasco, D. Constantino, casou com a sua prima D. Maria de Melo, filha do 1.º marquês de Ferreira, D. Rodrigo de Melo. O mesmo vice-rei custeou por diversas ocasiões os vestidos de baptismo dos Gentios. “*No mes de Setembro se fez num bautismo em que se bautizarão 200 e tantas almas. A este presidio o Senbor Vice-Rey Dom Constantino, que já a este tempo era vindo, e favoreceo muitos aos novamente convertidos, tomando seus afilbados e vestindo-se e agasalbando-os com muito amor (...)*” Carta do Pe. Pedro de Almeida, Goa, 26 de Dezembro de 1558, publ. por Joseph WICKI S. J., *Documenta Indica*, vol. IV, p. 212. Informa ainda o Pe. Almeida da realização de outros baptizados colectivos acrescentando que “*A todos estes bautismos que se fizeram depois que o Vice-Rey veio, presidio sempre sua Senhoria, tirando hum, por estar mal desposto, e os favoreceo tomando seus afilbados*”, *Ibidem*, p.213.

¹⁶ Segundo o padre Nicolau Lanceloto numa breve descrição que fez do colégio, em 1545, o mesmo apresentava um claustro grande de estrutura semelhante ao de Santo Antão da Mouraria de Lisboa: de dois andares, e arcadas no piso térreo, de um lado do claustro ficava a igreja e do outro uma casa com cerca de trinta metros de comprimento, a qual por baixo servia de refeitório e por cima de dormitório. Na terceira ala do claustro havia três câmaras destinadas aos padres e na quarta, uma varanda. Cf. Pedro DIAS, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O espaço do Índico*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, p. 82.

¹⁷ Naquele ano foram expostas “*sesenta orações em prosa ou setenta a mayor parte dellas com as primeiras letras douradas muyto curiosas e outras de cabidos com diversas pinturas e jvnções porque pera isto particularmente tem os moços desta terra natural engenbo e inclinação*.” Deduzimos que as obras apresentadas tenham agradado sobremaneira, pois no ano seguinte “*auya 90 oraçõis ou passante dellas, em prosa e algumas em verso, que sercavão a cresta todas em roda, e obra de 400 epigramas antre ellas, as mais destas oraçõis ou quasi todas trazião as primeyras letras grandes iluminadas e douradas*”, sendo que também “*os moços que andão na escola daritmetica, punhão aby seus treslados com letras coriosas e douradas, e nelles feitas humas contas difficulosas para os que a soubessem fazer os levarem*.”; cf. B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 29, fl. 119 e doc. 49, fls. 209-209v.

¹⁸ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 49, fl. 209.

por cima muytas bandeiras”¹⁹, as quais presumimos se encontrassem dispostas ao nível da sanca. Aparentemente, esta conjugação usada nas paredes da igreja nas festas de 1559, viria a sofrer algumas alterações no ano seguinte ao apresentar-se, desta feita, “por baixo de gadamiçins e por cima da milhor e mais fresca tapeçaria da China, que eu nunca vi nestas partes, em huns panos tamanhos como gardaportas”²⁰. É no entanto de observar que as mesmas opções, em termos tipológicos e de proveniência, podiam já ser observadas em 1557, designadamente, na decoração preparada para as conclusões que iriam ter lugar no início académico daquele ano, no “patio das crastas que estavam muy bem concertadas pera o acto com muytas alcatifas riquas e pannos de Frandes e da China e muytas bondeiras e estendartes e instrumentos (...)”²¹.

Como Fausto Sanches Martins salienta, aquando destes acontecimentos, o pátio transformava-se verdadeiramente num espaço cénico, incorporando elementos plásticos como recurso didático e apostando nos mesmos valores de representação sensível veiculados pelos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loiola, um tipo de actuação que interpreta como uma das expressões culturais mais genuínas da Companhia de Jesus e da mentalidade barroca²². Destes elementos, os têxteis, sob a forma de tapeçarias, panos e alcatifas eram indiscutivelmente uma componente-chave dessa metamorfose porquanto pareciam invadir todas as superfícies ali existentes, cobrindo as paredes das alas, os balcões das varandas, as colunas que constituíam as arcadas e até as grades de ferro, de onde pendiam²³. Também a cadeira das classes se apresentava cuberta com alcatifas “muy Riquas, sendo que ate à cadeira deçião outras alcatifas não menos lustrosas e Riquas que ficavão ornando mais a mesma estancia e por derrados dela seus banquetos alcatifados”²⁴, estes últimos destinados aos protagonistas da disputa.

Além do aspecto decorativo que comportavam, muitos destes adereços desempenhavam ainda funções de carácter sobretudo utilitário, com o objectivo de providenciar mais superfície murária do que aquela de que se dispunha, e tão necessária a uma adequada afixação dos muitos epigramas e enigmas então produzidos por iniciativa dos estudantes para o arranque dos estudos em 1559 e 1560. Sobre o primeiro ano diz-nos Fróis, “pelos lugares mais acomodados que puserão duzentos epigramas de muyta copia de versos, e da outra banda das crastas em cada esteo sobre as alcatifas que nelles estavam pregadas se puserão os epigramas mais adequados a festa.”²⁵, sendo que no ano seguinte de novo se assiste ao uso de alcatifas como suporte da produção escrita: “Da outra banda dos esteos estava em cada hum delles huma alcatifa, e nellas os milhores epigramas postos nos cantos e em outros dous lugares se puserão cobre alcatifas mea

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 27, fl. 99v.

²² Fausto Sanches MARTINS, *A Arquitetura dos Primeiros Colégios Jesuítas de Portugal: 1542 – 1759. Cronologia. Artistas. Espaços*, vol. 1, dissertação de doutoramento em História da Arte apresentada à faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1994, p. 941 (texto policopiado).

²³ Assim o refere Fróis em diferentes passagens como as duas seguintes que passamos a citar: “as crastas do Collegio pela banda das paredes se armarão todas em derredor com a tapeçaria dos estudantes de casa”; “o chão bem juncado, e com outras [alcatifas] os deçião das varandas, ate a cadeyra, e as mesmas varandas por dentro todas armadas de panos de chinas (...) e das grades de ferro para fora alcatifas lançadas”; cf. B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 29, fl. 119 e doc. 49, fl. 209v.

²⁴ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 29, fl. 119.

²⁵ *Ibidem*.

*duzia de ensignias de muy boa invenção e artifição pintados polos irmãos de casa hũs com olios e outros de debuxo*²⁶.

A partir dos informes compulsados, é para nós deveras interessante notar como as armações descritas contemplavam o uso simultâneo de peças europeias e asiáticas, ou a forma como os adereços chineses eram indistintamente empregues nos diferentes espaços do colégio, marcados por ocupações muito díspares, no domínio do culto religioso e do ensino. Estes aspectos sobressaem ainda mais perante as notícias que o relator inaciano faculta acerca dos programas decorativos que animam as peças de origem chinesa assinaladas. Na sua correspondência, Fróis, perspicaz e atento, descreve, de forma minuciosa, o teor iconográfico de algumas destas obras importadas da China permitindo-nos distinguir três núcleos temáticos, dois deles de cariz absolutamente chinês e um terceiro de índole cristã. No primeiro conjunto incluem-se dois assuntos muito estimados no quadro artístico e cultural do Celeste Império, no domínio do culto aos antepassados e à natureza: temas alusivos às *istorias, montaria, e festas dos mesmos chinas pintados*²⁷ em escala monumental e a figuração de elementos da natureza como *passaros com arvoredos, e que he a suma perfeição de seu pintar em que antre estos panos hum certo genero de ramos, que quaa ha de palmeyras brabas que dão muyta graça onde quer que se poem (...)*²⁸. O impacto que as peças com composições à base de motivos vegetalistas e aves teria então, exercido sobre aqueles que as observavam parece não se ter confinado a Luís Fróis, uma vez que também o dominicano Frei Gaspar da Cruz, sensivelmente pela mesma altura, a elas se refere no seu *Tratado* datado de 1569, ao observar que os chineses *ẽ pinturas sam bõs pintores principalmẽte de folbagẽs e passaros, como se pode ver nos pannos que a nos vẽ da China*²⁹.

No segundo núcleo, composto por peças de índole cristã, vários são os temas figurativos historiados do Antigo e do Novo Testamento assinalados por Fróis, numa carta datada de 1561, como a representação *do sacrificyo de Abrabão do nacymento dos Reis, da visitação de Santa Elisabet e da Resurreyção*³⁰, por exemplo, acerca dos quais o religioso infelizmente não adianta mais nenhuma informação. No acervo do colégio havia, contudo, um conjunto de panos, presumimos que idênticos entre si, em torno do qual o inaciano se concentrou descrevendo-os em pormenor: *“Pintarão em huns panos como de Frandes huma imagem de Nossa Senhora muito gloriosa posta em hum campo douro rodeada de serafins com huns çeos e nuvens por cyma que tem ho mynino Jesus pellas mãos em pee posto sobre o globo do mundo e mays abaxo hu Yesus em outro campo douro rodeado de serafins da gloria aos quaes ho mynino lança de cyma humas capellas de rosas e lirus fresquissimos, e abaxo dos anjos os myninos no nosso collegio em procissão de huma parte e da outra com sua cruz alevantada e seriaes e suas roupetas brancas vestidas e o padre Micer Paullo que esta em gloria antre os myninos com sua sobrepeliz e livro na mão rosando as ladainbas e hum velho que aqui tinhamos com sua vara que os*

²⁶ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 49, fl. 209v.

²⁷ *Ibidem*, fl. 209.

²⁸ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 29, fl. 119 e doc. 49, fl. 209v.

²⁹ Cf. Frei Gaspar da CRUZ, *Tratado em que se cõtam muito por esteso as cousas da China cõ suas particularidades, assi do reino d'Ormuz, cõposto por el. R. padre frei Gaspar da Cruz da orde de sam Domingos*, (ed. de Rafaella D'Intwo), Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, p. 205.

³⁰ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 133, *Cópia de hũ capitulo que o padre Luis Froes escreveo a hũ irmão da Companbia - 1561*, fl. 400. Documento publ. por António da Silva REGO, *op. cit.*, vol. VIII, (...), pp. 483-484.

vay regendo diante os quaes os anjos punhão na cabeça as capellas que recebem da mão de Yesus.”³¹. Ainda segundo a mesma missiva, *Destes nos vierão o anno passado da China dous ou tres panos*, além dos artigos decorados com os temas já elencados – observação que aponta para o facto de, os têxteis mencionados nas cartas não serem pontualmente dispensados por fieis nestas ocasiões particulares (exceptuando as tapeçarias facultadas pelo vice-rei) e antes pertencerem às alfaias do próprio colégio, que os integram no seu quotidiano, muito em particular nas festas que assinalam os dias especiais daquela comunidade.

No que cabe aos métodos empregues usados na realização destas peças, embora Fróis por sistema empregue a expressão pintar, e os chineses sejam famosos pela sua tradição secular no domínio da pintura sobre seda, não estamos certos do uso da técnica aludida, pelo menos em exclusivo. É possível que alguns dos artigos fossem, de facto, pintados mas, a partir do momento em que o autor recorre ao mesmo termo para caracterizar as tapeçarias da Flandres expostas na casa da portaria, as quais descreve como *panos de frandes frescos, e gratiosos e de tintas tem pintadas as istorias da escritura*³² - quando estas são obtidas pela técnica da tecelagem - a designação usada perde sentido. Acresce ainda que naquela época era vulgar referir as obras bordadas como pintadas, um procedimento não por acaso explicado pela expressão ‘pintar com a agulha’. Veja-se o caso do Padre Duarte de Sande (na sua obra de 1590) quando, a respeito dos ofícios chineses declara haver “*muitos pintores que usam o pincel ou a agulha, dos quais os últimos são por alguns chamados bordadores*”³³. Cremos, por estes motivos tratar-se de peças maioritariamente bordadas, de particularidades consentâneas com aquelas que temos tido oportunidade de inventariar e estudar nos últimos anos³⁴.

Perante as informações que Fróis oferece acerca dos programas ornamentais destas peças chinesas, algumas considerações merecem ser feitas em relação à presença destes objectos artísticos entre as alfaias do colégio, ainda que de forma forçosamente breve. Sobre as primeiras peças de feição chinesa, sobretudo aquelas de temática completamente alheia e até profana, como eram os episódios da história do povo do Império do Meio usados na armação montada nas paredes do templo pelas festas da Virgem de 1560, desde logo se equaciona a sua integração no contexto religioso católico. Julgamos que esta questão se enquadra no esforço de aproximação e atracção dos gentios empreendido pelos religiosos da Companhia de Jesus no âmbito da missão moderna³⁵, sendo

³¹ *Ibidem*.

³² B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 49, fl. 209.

³³ Pe. Alessandro VALIGANO, S. J., Duarte de SANDE, S. J., *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Curia Romana*, (pref. Trad. e coment. de Américo da Costa RAMALHO), Macau, Fundação Oriente – Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997, p. 334 (1ª ed. publ. em 1590 em latim).

³⁴ Designadamente no âmbito da dissertação de mestrado de 2002 publicada como *As Alfaias Bordadas Sinoptuguesas (séculos XVI a XVIII)*, Lisboa, Universidade Lusíada Editora, 2007.

³⁵ O nascimento da missão moderna, surge no contexto do procedimento adoptado por Francisco Xavier no que respeita ao modo de aproximação aos gentios, alicerçado numa atitude de adaptação aos povos autóctones e suas culturas em contraposição a uma filosofia de tábua rasa, que vinga através da anulação do contexto anteriormente existente. A determinação desta nova fase da missão moderna deve-se à figura do Pe. Josef Glazik que a apresenta como a Primavera Missionária. Sobre este assunto leia-se, por exemplo, o artigo de Maria do Rosário Azevedo CRUZ, *A Missão Portuguesa. Perspectivas da Missão e da História de Portugal*, in AAVV, *Encontro de Culturas. Oito Séculos de Missão Portuguesa*, Lisboa, Conferência Episcopal Portuguesa, 1994, pp. 37-51.

que estas peças podiam assumir aqui um papel intermediário entre os missionários que se encontravam no terreno e as populações indígenas que se pretendia sensibilizar e converter.

Outros aspectos de ordem prática devem ainda ser mencionados como justificativos desta realidade, a qual pode também proceder das carências e dificuldades sentidas no dia-a-dia, no que respeita à disponibilidade de alfaías, nomeadamente, das vestes sagradas, fundamentais à celebração do culto divino. Ainda que num primeiro momento da presença portuguesa na Índia, as ordens religiosas ali implantadas obtivessem as tão necessárias alfaías a partir da metrópole³⁶, depressa emergia a necessidade de encontrar alternativas rápidas e eficazes de fornecimento, uma vez confrontados com a morosidade e complexidade das viagens entre a metrópole e aquela região do planeta, por sinal, prolífera na produção têxtil de qualidade e muito acessível, em termos de aquisição e preço. Não menos importante seria ainda o fascínio que estes artigos, provenientes da China, mas também da Índia e da Pérsia, exerciam sobre os ocidentais, como bem testemunha o discurso adoptado pelo padre inaciano na descrição dos espécimes chineses expostos no colégio ou os elogios que dedica às alcatifas usadas para cobrir a cadeira das classes, exposta no pátio do colégio, por ocasião das conclusões académicas. Com efeito, e pelo modo como se lhes refere, *muy Riquas como as caa ba*, estas eram quase certamente indianas, e de tão grande efeito decorativo *que escusavão os borcados da Europa*³⁷.

Foi seguramente neste apreço manifestado pelos portugueses que os chineses encontraram motivação para desenvolver a produção de peças de cariz europeu no que aos programas iconográficos patenteados concerne, como mais uma vez se conclui da leitura de uma das missivas de Fróis, quando este perspicazmente explica o seu aparecimento na Índia: *“Huma cousa lbe direy dos chinas muito gracyosa contarão-lhe la os portugueses as proçissões que qua fazião em Goa e a maneyra de nosso cullto dïvino e ymagens elles como são homens abilissymos determinarão, de não perder a ocasião de ganharem que he quasi seu ulltimo fim pretenderão em tudo seu enterresse.”*³⁸.

A importância destes testemunhos revela-se ainda mais significativa uma vez presente o período a que se reportam as cartas, contemporâneo de uma fase ainda embrionária do relacionamento entre Portugal e a China (após a autorização oficial de fixação dos lusitanos em Macau em 1557), mas nem por isso menos profícua. Com efeito, e como Gauvin Alexander Bailey observa, “Com a esperança de penetrar no mercado cristão, os artistas chineses não-cristãos não revelaram qualquer hesitação em copiar de uma forma ocidental a imagética cristã, como acontecera com os escultores hindus em Goa. (...) Os artífices chineses conheciam o seu mercado. Quatro anos apenas após a fundação da primeira colónia europeia permanente na China, em Macau, os artesãos chineses já mostravam um conhecimento extremamente sofisticado das necessidades iconográficas específicas daqueles estrangeiros.”³⁹. Este fenómeno de empenho e adaptação dos chineses

³⁶ Pedro Dias estabelece uma pequena lista de exemplos neste sentido, compulsados a partir da leitura de obras como a *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente* compilada por António da Silva Rego: cf. Pedro DIAS, *História da Arte Portuguesa no Mundo*, (...), pp. 20-24.

³⁷ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 49, fl. 209v.

³⁸ B.A., *Jesuítas na Ásia*, 49-IV-50, doc. 133, fl. 400.

³⁹ Gauvin Alexander BAILEY, “Imagens com Vida. O programa artístico dos jesuítas na Ásia Portuguesa e mais além”, in AAVV, *Encompassing the Globe. Portugal e o Mundo nos Séculos XVI e XVII*, catálogo de exposição, Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação/ Museu Nacional de Arte Antiga, 2009, p. 228.

seria tão válido no contexto da escultura e imaginária como no da produção têxtil, que pela mesma altura. começava a circular pelo antigo espaço ultramarino português, com figurações bordadas do hagiológico⁴⁰, é certo, mas também com outro tipo de referentes plásticos ocidentais coevos, como o motivo das *candelabra*, ou a malha polilobada que caracterizou os tecidos italianos e espanhóis do século XVI.

O uso de têxteis chineses não se circunscreveu ao colégio inaciano de São Paulo de Goa. A este respeito, Pedro Dias é peremptório ao afirmar que nas igrejas estes nunca faltavam, mesmo nas mais pobres ou mesmo quando ainda estavam em obras, exemplificando com o que sucedeu em Tana, na igreja da Companhia de Jesus, em 1560, por ocasião de um baptizado colectivo, em que se cobriram com panos da China todas as paredes em redor da pia baptismal⁴¹. Pelo discursado Pe. João Bravo, que deste assunto dá notícia, depreende-se que este artigos têxteis se distigam da armação concebida para o efeito, uma vez que, como o próprio saliente, “*Nam digoa V. R. boutras muitas particularidades que ouve, bas quais mui bem se podiam contar, nem lbe escrevo do conserto da Igreja, porque há cousa velba falar niso, somente lbe digo que ficarão pasmados neste bautismo de ver de que maneira estava: tinba sobreceo muito fresco, panos da china ao redor, hum altar junto dela pera os oleos, ela feita hum bosque verde muito fresco, que assim a estavam vendo como pasmados*”.⁴²

Da mesma forma urge notar que os padres da Companhia não foram os únicos religiosos do Padroado a integrar têxteis de origem asiática nas alfaias destinadas às suas missões. Mencione-se, apenas, duas situações relatadas pelo padre agostinho Sebastião Manrique, quando da sua estada na Índia, o qual recorre a este tipo de adereços para ornamentar devidamente os espaços de celebração a que preside e assim cativar o beneplácito das elites e poder locais, bem como os gentios e recentes membros convertidos ao catolicismo: assim se verificou no âmbito dos aprestos que realizou para a audiência com o rei de Arração, tratando para tal “*de preparar la mejor estancia que auia, para celebrar, trayendo para esto los Iapones Christianos algunas pieças de varias sedas, y alsombras; con que quedò bien adereçada la estancia: y despues de hecho el altar, lo ornè con vn frontal de damasco blanco con diuisas de veludo carmesin bordado, obra de la China, poniendo sobre el vn quadro de la Virgen Santissima del buen sucesso, de baxo de vn dossel compuesto de varias, y colorifiquas sedas*”.⁴³ Se nesta circunstância o frade recorreu a alfaias chinesas que o próprio adquirira com aquela finalidade, já num outro momento procedeu ao aproveitamento e conversão de peças têxteis ofertadas pela

⁴⁰ De que são exemplo, uma dalmática e uma casula existentes no Museu Nacional de Arte Antiga e no Museu do Caramulo, respectivamente (n^os Inv. 2276 e 267), bem como dois panos existentes na coleção do Victoria & Albert Museum com as figurações monumentais de S. Sebastião e de Sr^o António (n^os Inv. T.245-1921 e T. 246-1921). Sobre estas e outras peças vejam-se o nosso artigo “Os Têxteis Sinoportugueses existentes no V&A Museum. Caracterização e análise de uma coleção”, in *Revista de Cultura* (Ed. Internacional), Macau, Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, n^o 27, 2008, pp. 104-131; as entradas de catálogo n^o 144 e 147 do catálogo da recente exposição *Encompassing the Globe*, (...), pp. 324-327 ou o livro já mencionado na nota 21.

⁴¹ Joseph WICKI, *Monumenta Indica*, vol. IV, Roma, Monumenta Historica Societatis Jesu, 1956, p. 634 cit. por Pedro DIAS, *História da Arte Portuguesa no Mundo*, (...), p. 336.

⁴² Carta do Pe. João Bravo para Goa, Tane, 22 de Setembro de 1560, publ. por Joseph WICKI S. J., *Monumenta Indica*, vol. IV, (...), p. 634. Deduzimos que os preparativos da celebração tenham ficado a cargo do Pe. João Bravo e do Irmão Manuel Gomes, os quais contaram ainda com a colaboração de Gaspar Pires (feitor e recebedor de localidade) que “*consertou ho terreiro muito bem, fazendo ruas de arvores pondo muitas bandeiras e sua casa toda consertada, até pôr na frontaria dela panos da China armados*”; *Ibidem*, p. 633.

⁴³ Sebastiam MANRIQUE, *Itinerario delas Misiones del India*, Roma, Guillelmo Halle, 1653, pp. 66-67

rainha viúva de Pegu: *“venian dos peças de cassas finissimas de nouenta varas de largo cada vna, y de siete palmos de anchura, floreados de varias flores de oro, plata, y seda de varias colores; cosa muy bella, tambien, porque podian seruir para ornato, y limpieça de los Altares; y ansi mandè luego hazer dellas tres pares de quartinas con sus cielos todos guarnecidos cõ sus franjas de oro finissimo para tres Iglesias; ornato, que podia passar en los dias de mayor solemnidad en qualquierera templo de Europa. (...)”*⁴⁴.

De facto, e na sequência da chegada em abundância de espécimes têxteis orientais à Europa, desde o início do século XVI, os mesmos depressa foram integrados nas alfaias litúrgicas das igrejas nacionais tanto daquelas de ordens religiosas como de igrejas paroquiais e conventuais ou ainda de confrarias, como os vários testemunhos documentais e materiais sobreviventes testemunham. Concebidos de raíz ou montados na metrópole a partir de suportes previamente realizados na China (tecidos, bordados ou pintados), estes artigos exóticos e testemunhos da campanha evangelista em curso na Ásia, patrocinada pela coroa portuguesa, tornam-se, também eles e a curto termo, presença assídua nas celebrações religiosas nacionais.

Algumas considerações finais

Pese embora as matizes registadas em termos de opções tipológicas empregues, com vista ao cumprimento de variadas funções, é indiscutível o quanto os têxteis se afirmaram como uma opção válida, assídua e amplamente utilizada no contexto das festas religiosas católicas, não obstante o local geográfico onde eram celebradas ou as condições de que se dispunha com vista à sua concretização. Sob a forma de vestuário sacro, de roupas litúrgicas, de paramentos de igreja ou ainda de outro tipo de adereços empregues no engalanar dos ambientes arquitectónicos e das estruturas efémeras onde as cerimónias tinham lugar, os têxteis sempre integravam os programas decorativos gizados para aquelas ocasiões especiais ou extraordinárias.

A festa de Santa Úrsula e das onze mil virgens, todos os anos celebrada a 21 de Outubro pelo Colégio de São Paulo da Companhia de Jesus, em Goa, não foi, portanto, excepção desse ponto de vista, adoptando formulários consentâneos com aqueles praticados em Portugal. Já o mesmo não se pode, porém, afirmar em relação ao recurso a têxteis de proveniência chinesa, na medida em que foi neste âmbito festivo que reconhecemos indicações acerca do seu uso pioneiro entre as comunidades inacianas então existentes.

Nestas circunstâncias, importa sublinhar alguns aspectos que se nos afiguram da maior relevância no âmbito dos estudos que temos vindo a desenvolver neste domínio temático, designadamente: a forma como as armações descritas por Luís Fróis contemplavam o uso simultâneo de peças europeias e chinesas (bem como de outras origens asiáticas) independentemente do seu teor plástico e iconográfico; o modo como os adereços chineses eram empregues de forma indistinta nos diferentes espaços do colégio, muito em particular naqueles destinados ao culto, como era a igreja, em cujo interior se podia testemunhar a sua presença tanto na capela-mor como no revestimento das paredes da nave; por fim, e não menos importante, a (relativa) abundância de que o colégio parecia dispor destes espécimes entre o seu acervo artístico, num momento em que o relacionamento oficial entre Portugal e a China se encontrava ainda numa fase, como Rui Loureiro observa, de compromisso.

⁴⁴ Sebastiam MANRIQUE, *op. cit.*, p. 100.